

Mesa-redonda  
**Esporte, cultura e inclusão**



## **Ivone Maria Diniz**

Diretora de Programas Sociais – Secretaria Nacional de Esporte.

### **O ESPORTE: UM VETOR DE CRESCIMENTO**

O esporte, sem dúvidas nenhuma, apresenta-se como a maior manifestação social do novo milênio, com sua vertente lúdica, de entretenimento, de lazer ou de alto rendimento. Ele abrange todas as camadas de nosso estrato social e se caracteriza, portanto, como um vetor importante para o crescimento do país.

#### **O esporte como educação**

São indiscutíveis os benefícios que o esporte trás para nossas crianças, jovens e adolescentes, no sentido de sedimentação do processo de sua formação. A disciplina, o respeito, a interação, a comunicação, a união, a camaradagem, a hierarquia, a colaboração, o espírito de luta e a auto-estima são alguns valores inerentes nas pessoas que praticam esporte, em qualquer forma de suas manifestações; o que o caracteriza como um meio eficaz para o crescimento e desenvolvimento do país.

Povo educado = país desenvolvido = crescimento

#### **O esporte como meio de inserção social**

O Brasil é um país onde é evidente a exclusão social e a pobreza. A criação e a implementação de programas nacionais que contemplem esse assunto é de vital importância. Os idosos, os portadores de deficiências, as crianças, jovens e adolescentes, especialmente aqueles que se encontram em situação de risco, necessitam de ser incluídos no contexto social. O esporte poderá se constituir num dos meios mais eficazes para se atingir os objetivos desta inclusão, especialmente se alicerçado em programas que possam garantir mecanismos de apoio para melhoria da auto-estima e que gerem, ainda, oportunidades de inclusão no mercado de trabalho.

Inserção social = desenvolvimento = crescimento social e econômico

### **O ESPORTE COMO CULTURA**

A cultura, como um complexo de valores e significados na formação intelectual do homem e como um conjunto de hábitos e criações humanas, permite perceber o esporte como uma manifestação cultural.

O espanhol Guima interpreta a cultura de um povo a partir de suas práticas esportivas.

O Filósofo português Manoel Sérgio, pai da Ciência da Motricidade Humana, mostrou que o esporte e a cultura se encontram no jogo.

O ex-diretor da Unesco René Maheu defendeu a tese de que o esporte e a cultura vieram da mesma fonte: o lazer. Para ele, o esporte e a cultura, em sua espontaneidade, além de expressarem valores éticos, oferecem dignidade à liberdade.

O futebol, no Brasil, é uma massa cultural reconhecida em todo mundo. Além dele, há as modalidades esportivas de criação nacional como a capoeira, o futevôlei, o vôlei de praia, a peteca, que nasceu em Minas Gerais, e outras manifestações culturais que estão incluídas e estão sendo adotadas por outras culturas no exterior.

## **Benefícios**

- Interação social
- Melhora da auto-estima
- Resgate e preservação de valores culturais
- Estímulo à criatividade para promoção de novos valores culturais
- Geração de potencial turístico
- Diminuição das tensões sociais

## **O esporte como gerador de emprego e renda**

O Brasil, por suas características de país continente, de matas virgens e habitadas por uma diversidade grande de espécies animais e com belezas naturais, atrai o olhar do mundo. Seu relevo exuberante e cheio de surpresas, seus rios e sua maravilhosa costa, seu sub-solo e a fertilidade da terra, juntos ao clima tropical, sedimentam, no momento, dois grandes *pilares de desenvolvimento*: a produção de alimentos e a vocação turística. Acreditamos que o *terceiro pilar* poderá ser o esporte. Os programas e projetos, hoje em desenvolvimento pela SNE/MET e pelo conjunto de entidades representativas do esporte nacional, fazem-nos crer que esta dimensão pode ser alcançada a médio prazo. Alavancar o desenvolvimento esportivo do país, com concepções claras e modernas fomentando a inserção social, a formação profissional, o acesso e o desenvolvimento esportivo, alicerçados na ciência e na tecnologia esportiva, levar-nos-á a transformar o Brasil, também, numa *potência esportiva*. Este desenvolvimento desemboca na geração de emprego e renda.

Desenvolvimento esportivo = desenvolvimento social = geração de emprego e renda

## **O esporte como meio de saúde e segurança**

Os estudos, desenvolvidos em nossos tempos em todo mundo, vêm demonstrando o *real valor* dos resultados dos investimentos em programas de desenvolvimento do esporte. As estatísticas apontam para um retorno de 3 x 1, em segurança e saúde, quando se trata de investimento no esporte. Estes *investimentos no esporte = mais saúde e segurança*.

## **O esporte e a imagem do país**

Os exemplos são notórios e cristalinos dos países que, ao longo dos tempos, utilizam-se do esporte para “vender” sua imagem para o mundo. Acredito que, primeiramente, deve-

mos melhorar internamente esta questão, mediante ações de projetos de conscientização de toda a população, mas especialmente nas redes de ensino fundamental, médio e nas universidades. É necessário despertar para os valores pátrios, compreendendo seus símbolos e cultuando sua história. O esporte tem demonstrado ter esta potencialidade. Os eventos esportivos possuem a capilaridade desejada. Por isso, quando organizados, devem evidenciar apelo às manifestações do orgulho pátrio.

País com boa imagem = investimento externo = crescimento

## O esporte como negócio

Desenvolvimento de projetos que sejam capazes de atrair, para o Brasil, grandes eventos esportivos internacionais de todas as modalidades esportivas escolhendo para isto cidades com apelo turístico colocar-nos-á a possibilidade de conseguirmos bons negócios esportivos e turísticos. Outra possibilidade de negócio será a presença de indústrias na área de esporte quando a demanda da prática exigir muita produção de material e de equipamentos.

País potência esportiva = entrada de divisas = crescimento econômico

## Albertina Brasil Santos

Idealizadora e diretora do Festival de Artes de São Cristóvão, Sergipe, de 1968 a 1973; vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura de Sergipe; diretora adjunta da Fundação Nacional de Arte – Funarte, responsável pela inclusão do Brasil no programa internacional Very Special Arts, sendo até a presente data sua diretora executiva e coordenadora nacional.

Nesse país a arte é considerada inteiramente marginalizada. Vê-se a luta dos artistas brasileiros para se formarem no mercado. Se não existe um patrocínio, um padrinho, muito dinheiro envolvido, a arte não acontece. Se a mídia não estiver em cima de um artista, de um cantor, ele também não acontece. E com a arte para o portador de deficiência pode-se imaginar o drama que seja.

Eu digo que Deus me deu um presente fantástico depois dos meus 70 anos, aliás, depois dos meus 60 – eu estou com 75 anos, muito viva, trabalhando muito –, um programa que nasceu nos Estados Unidos, cujo nome é Very Special Arts, e que no Brasil nós demos o nome de Programa de Artes Sem Barreiras. Ele está localizado na Fundação Nacional de Arte, onde eu trabalhava, nessa ocasião, com artistas ditos normais.

Eu invejava o esporte. Eu via lá na tela aquela coisa fantástica que era o esporte dos portadores de deficiência e da arte não se falava nada, eu não conhecia nada de arte de portador de deficiência. Quando muito um cantor cego, que é muito comum, um pianista cego, excelentes, porém mais ninguém. Consegui uma bolsa, fui aos Estados Unidos ver como funcionava, porque eu sabia que lá havia fantásticos programas para portadores de deficiência. Cheguei ao Programa Very Special Arts. Convidaram-me para criá-lo no Brasil. Voltan-

do à Funarte – Fundação Nacional de Artes –, que divulga a arte dos artistas normais, tentei reunir um grupo de pessoas. Encontrei uma dificuldade tremenda, me diziam: “Berta, você já está colocando cadeira de roda dentro da Funarte, a Funarte já está cheia de cego, isso não é bom”. Apesar disso, encontrei um grupo bom que me deu apoio, tivemos muita coragem e criamos o Very Special Arts no Brasil e o Programa Artes Sem Barreiras, mesmo que a princípio na Funarte os presidentes não entendessem e não aceitassem. Havia reação por parte dos meus colegas de trabalho, reclamavam que os portadores de deficiência estariam ocupando uma boa parte de um prédio que só tratava de arte, como se o portador de deficiência também não fosse um artista. Enfim conseguimos que esse grupo se entusiasmasse embora houvesse pessoas importantes de dentro da instituição que começaram a impedir que cadeiras de rodas entrassem, porque achavam que não ficava bem para a Fundação Nacional de Artes. Entretanto Deus esteve presente na minha vida e fomos vencendo obstáculos e provando que o portador de deficiência é também artista. Acontece que ele estava escondido nas casas, os pais tinham vergonha de mostrar seus filhos Síndrome de Down e outros deficientes mentais, as pessoas não saíam porque não havia acessibilidade. Apesar dessa série de problemas fomos à luta. Esse programa existe em 92 países e o Brasil foi o 53º a ingressar nessa rede; temos tido contato com pessoas do mundo inteiro, com artistas maravilhosos, com pessoas fantásticas.

Logo no início do Very Special Arts no Brasil houve um encontro no Japão e um na China. Como íamos levar os nossos artistas daqui para o Japão e para a China? Até essa época já tínhamos cadastrado várias pessoas portadoras de deficiência e vários grupos de artistas. Conseguimos levar para Taiwan um grupo de dança em cadeira de rodas, levamos para a Bélgica um outro grupo de cadeira de rodas, fomos a Los Angeles com outro grupo de cadeira de rodas, com danças típicas brasileiras, integradas por artistas portadores de deficiência e não-portadores. Queremos essa integração, essa inclusão de grupos tanto de portadores de deficiência como de artistas não-portadores. Para alegria nossa, de brasileiros, aonde vamos os nossos grupos são considerados sempre os melhores, são os que recebem mais aplausos. Quando acabam as apresentações ficamos meio desesperados com pessoas de outros países: “você precisa ir a tal lugar, leva esse grupo”. Eu digo: “Tudo bem, paguem a passagem deles que a gente leva. O problema é a passagem, vocês pagando passagem e hospedagem a gente leva”.

Então começamos a mostrar ao mundo e ao Brasil que os artistas portadores de deficiência estavam escondidos. Simplesmente se fez um levantamento deles e eles estão aí. Existem grupos excelentes de música. Ontem algumas pessoas viram o “Forró no Escuro”, aquele grupo fantástico de cegos. O Very Special Arts organizou um festival na Turquia e nós indicamos o Forró no Escuro para representar o Brasil. O sucesso foi tremendo. Estamos levando grupos de dança em cadeira de rodas, artistas portadores de deficiência; levamos um músico fantástico, um anão que tinha o sonho dourado de tocar um violão, mas os braços não comportavam. Então ele criou um sistema de tocar o violão na horizontal. Ele tocou em Los Angeles e de imediato saiu de lá com contratos para tocar na Europa. Acontece que o Brasil ainda reluta em entender que esses artistas são como qualquer um, eles estão se profissionalizando. Qualquer clube pode chamar o Forró no Escuro para fazer uma festa e eles o fazem brilhantemente. Se você faz um festival de danças, nossos grupos, a partir deste ano, já estão sendo convidados para integrar festivais de dança contemporânea, danças normais;

já estamos integrando um ou dois grupos. Para nós, que vimos esse Programa nascer do nada, nascer contra tudo e contra todos, hoje é essa maravilha, os nossos grupos fazendo sucesso no mundo inteiro. Para executar o nosso trabalho no país inteiro, temos uma coordenação em cada Estado, são pessoas que não recebem nada, mas estão localizadas em alguma entidade de arte ou de cultura e se comprometem em nos ajudar a promover esses artistas. A primeira coisa que eles fazem, como nós fizemos, é cadastrar os seus artistas portadores de deficiência. O que a Bahia tem de portador de deficiência? A nossa coordenadora de lá, que é uma cadeirante, já levantou um universo belíssimo. Eles têm um grupo excelente de deficientes mentais que apresentam danças afro-brasileiras. Cada Estado levanta o seu potencial. Eu estive agora em Sergipe, onde um garoto de 10 anos não fala, não anda, pinta com os pés e está sustentando a família com seus quadros. Então foram-se descobrindo coisas assim, in-críveis.

Pretendemos trazer, no ano que vem, aqui em Belo Horizonte, um grande festival internacional de artes sem barreiras os melhores artistas deficientes de vários Estados. Eles estão tentando ingressar no mercado profissional, mas é muito difícil. Às vezes eu ofereço: “Eu tenho um excelente compositor, um excelente violonista, uma voz fantástica. Você faz um show com ele? Ele é cego e vai precisar...” Mas logo: “Ih, mas aí já complica...”. Há sempre uma reação negativa, mas, depois que começam a assistir, a coisa muda totalmente. Esse Programa de Artes Sem Barreiras torna-se uma vitrine.

Queremos mostrar o que existe, para colocá-los no mercado de trabalho. Por que um artista, um cantor, às vezes é célebre sem ser tão bom; ganha um cachê altíssimo, mas, quando procuramos um cachê para um artista portador de deficiência, é muito difícil conseguir. Em nossos festivais nós nos propusemos a sempre chamar artistas não portadores que vão conosco, cantam, dançam e recebem um cachê igual ao do portador de deficiência. É muito importante que se reconheça o valor dele, porque o artista portador de deficiência muitas vezes vai viver da sua arte, ele vive do cachê.

Estamos quebrando essas barreiras, mostrando o valor da arte e que ele realmente é artista, sem precisar dizer que é portador de deficiência. Quando fazemos uma exposição, não é dito embaixo que o autor é cadeirante, que ele pinta com a boca ou pinta com o pé, porque o que queremos ver é a arte dele. Tanto é que quando fazemos uma apresentação não dizemos: “grupo integrado por três artistas portadores...”. Às vezes nos pedem que informemos isso, por a platéia nem perceber. Hoje, no grupo Equilíbrio, um grupo de Juiz de Fora, há 3 ou 4 portadores de deficiência, com Síndrome de Down, uns melhores, mas nem percebe, e não precisa dizer. Dizemos o nome deles: “fulano, fulano, fulano integram um grupo de danças...”. Apesar disso, algumas pessoas nos pedem: “tem que dizer pra valorizar”.

Para o ano que vem, já começamos a planejar o nosso grande festival, queremos trazer um jovem que, ao mergulhar em uma piscina, ficou tetraplégico. Só movimenta o pescoço e pinta com a boca. Ele vai fazer um painel imenso. Ele tem que ter um suporte, um andaime, uma cadeira de rodas que caminhe de um lado para outro, pois ele quer pintar essa grande tela diante do público, para verem o desafio que significa aquela pintura para ele.

De vez em quando fazemos essa demonstração, para que as pessoas vejam a luta de um portador de deficiência que pinta com a boca, seus problemas no rosto todo, porque ele não mexe os braços. Tudo é muito difícil. Quando se trata de problemas extremos, as pessoas nos pedem para mostrar, mas na medida do possível queremos mostrar o artista, o belo e

o plástico. Quando alguém vai ver um grupo de dança, ele quer ver a dança bonita. Assim, quando organizamos as danças com nossos excelentes grupos de dança, tanto folclóricas, com deficientes auditivos e físicos, com cadeiras de rodas, que são espetaculares, levamos um crítico de arte e pedimos que ele nos dê uma opinião. A maioria deles dão alguma sugestão e ainda dizem: “Vocês podem apresentar isso em qualquer lugar, isso é arte contemporânea”.

Esse projeto é a minha vida, se me fez bem, imagine o que tem feito de bem para um artista portador de deficiência. Não se pode imaginar a alegria de um Síndrome de Down que dança e recebe aplauso, como ele se sente feliz, além da alegria dos pais e familiares. Para um artista portador de deficiência, ele é um campeão porque venceu, assim como é a medalha para o campeão; o artista é um campeão porque recebe aplauso.

Às vezes se ensaia um ano para sair alguma coisa. Eu vi um grupo de meninos paraguaios cegos, tocando e dançando em um ritmo que os nossos amigos cegos sabem que é difícil. Expressão corporal para o cego é muito mais difícil do que para uma pessoa que tem uma deficiência física. O grupo estava encantador. Levamos o cônsul do Brasil e ele ficou impressionado de ver o grupo.

Eu digo para vocês com muita vaidade e muita alegria: aonde vamos com os nossos grupos eles são os melhores em tudo, a tal ponto que depois convidam os nossos amigos para serem coreógrafos ou coordenadores de outros grupos. O nosso coordenador de dança em cadeira de rodas está na Europa dando aulas e fazendo coreografia. Uma pessoa excelente está com um grupo em cadeira de rodas, no Paraná, o Grupo Limites, e também já foi convidada por vários países para se apresentar. Então temos que nos orgulhar disso. Assim como estamos nos orgulhando do esporte na escola, dos campeões paraolímpicos, vamos nos orgulhar dos nossos artistas portadores de deficiência, vamos aplaudi-los e ajudá-los a encontrar o seu lugar no mercado de trabalho. Há pouco tempo eu convidei um grande pianista gaúcho que esteve na Turquia conosco, ele foi fazer uma apresentação excelente, canta e toca muito bem. Depois alguém o convidou para se apresentar em outro país: “Muito bem, você me dá o quê?” Responderam-lhe: “Ah, você arranja a passagem e vem”. Ele disse: “Olha, eu já estou cansado de ser amostra grátis”. Isso ficou muito pesado para nós, não queremos que o nosso artista portador de deficiência seja amostra grátis, se ele tem valor ele vai se apresentar.

Para chegar a essa beleza, a esse mercado de trabalho, nós começamos com grupos pequenos, chamados Arte-Processo. Esses grupos estão nas instituições, nas Apaes, Pestalozzi, nas escolas, como eu vi agora em Goiânia, em um Centro Livre de Artes, um grupo de Síndrome de Down e deficientes mentais com um sapateado maravilhoso. Eles começam dentro de um processo de arte, vão crescendo e chegam a ser um produto. Em nossos festivais à noite, para um público grande, nós mostramos o produto, os melhores. Quando fazemos os nossos congressos, oferecemos para os educadores, para as pessoas que estão presentes, pais e familiares, a arte iniciante, porque dali, se eles forem treinando, chegarão a ser arte-produto.

Conseguimos uma parceria fantástica com o Ministério da Educação. A senhora Marilene Ribeiro dos Santos, que é secretária nacional de arte especial no país, viu um congresso nosso em 98, em São Paulo, e ficou impressionada. Entramos em contato e, sempre que fazemos um festival, fazemos com a Secretaria de Educação Especial, que convoca seus professores e se encarrega de fazer a parte do congresso, enquanto nós ficamos encarregadas de fazer a parte do festival, tanto na parte da tarde, apresentando a arte-processo e à noite, apresentando os melhores.



Gostaria de informar que no *site* do Ministério da Educação procura-se Fundação Nacional da Arte – Funarte, e lá está o programa Artes Sem Barreiras.

Lembrei-me de um congresso de que participei, no Paraguai, onde briguei o tempo todo, porque lá eles dizem que são os “descapacitados”. Chamar um deficiente de incapaz é um problema, porque eu posso ser um deficiente, sou deficiente visual, perdi 90% da minha visão, mas eu não sou incapaz. O Daniel é incapaz? Ele é um cara fantástico, faz tudo. Mas eu não consegui mudar a terminologia espanhola. Quem quebra uma perna fica deficiente também.

A partir do questionamento sobre o emprego de uma psicologia de grupo para os portadores de deficiência, com relação à arte nós temos que usar o papel do arte-educador com os grupos que se apresentam no palco. O arte-educador deve ter conhecimento da psicologia, da arte e um pouco de conhecimento do trato da pessoa portadora de deficiência, sobretudo pessoa portadora de deficiência mental. Acontecem casos de apresentação de deficiente mental que, de repente, senta-se e diz “não vou” simplesmente, na hora de entrar no palco. Muitas vezes a pessoa tem que parar um pouquinho, sentar, abraçar o Síndrome de Down, o deficiente mental e dizer: “Não, meu filho, você ensaiou, você vai...” Então esse preparo em grupo é muito importante também com relação à arte.

Que Deus abençoe os nossos artistas e que eles brilhem no mundo inteiro.

## **José Roberto Carvalho Barbosa**

Fisioterapeuta da Apae de Santa Luzia; Mestre em Saúde e Qualidade de Vida.

Quando se trata de inclusão ocorrem aparentemente dois extremos: o esporte de rendimento, que é o esporte de competição realmente, e o esporte praticado no lazer do dia-a-dia, no trabalho de socialização dentro das instituições, a própria educação física escolar, um projeto que o governo vem resgatando de maneira muito interessante e que já tem uma história ao longo dos anos no Brasil, com o esporte para todos e posteriormente com outros segmentos.

Fica difícil imaginar um trabalho com um atleta ou com uma criança sem que haja objetivo muito claro. Muitas vezes o esporte competitivo ou de auto-rendimento passa-nos uma imagem bonita, mas ao trabalharmos há uma questão muito cruel por trás. Existem muitas barreiras a serem superadas e quando tentamos fazer o elo, às vezes essa questão fica muito longe da nossa visão. Isso é muito importante para que, ao vermos uma fita tão bonita como essa, possamos ver os objetivos e saber como trabalhar. Em um trabalho institucional é muito difícil se ter objetivos a longo prazo com deficientes, com crianças, com pessoas pobres, com excluídos. A motivação, muitas vezes, realmente é obtida através da busca por resultados, por medalhas olímpicas, pelo Oscar no basquete particularmente, porque é uma área em que eu trabalho muito. Mas onde ficaria a questão pedagógica? Onde ficaria a questão educacional, onde ficaria aquela formação necessária para que posteriormente possamos atingir resultados? Isso deve ser resgatado, pois quando estamos em uma comunidade caren-

te, trabalhando, e não existe material, uma bola, um campo, ou mesmo o profissional adequado para trabalhar com isso, o objetivo fica muito longe. Então o lado motivacional é extremamente importante, pois, se não existe algum objetivo, algum compromisso na vida, nós não temos o que fazer.

Nós temos que melhorar a auto-estima daquela criança de rua. O exemplo do atleta de auto-rendimento é necessário? Sim, é necessário, mas o trabalho deve ser direcionado à formação, à retirada daquelas pessoas da sombra, colocá-las na luz da sociedade. Quando é feito um trabalho esportivo que busca resultados, ele é um trabalho que peneira, que, infelizmente, deixa inúmeras pessoas para trás. Muitos ficam nessa caminhada, e como ela serve para resgatar, não excluir, é muito importante o trabalho direcionado à formação das crianças, o caráter, à motivação da criança de rua, à criação de auto-estima elevada, à formação de valores, à obediência de regras. O jogo coloca as regras necessárias, os limites a serem respeitados, muitas vezes as individualidades a serem respeitadas. Não há dúvida de que aquela formação da pelada de final de semana, em um bairro de periferia, do voleibol de praia também são extremamente importantes. Isso é uma questão social e cultural, a pelada vem da cultura do brasileiro. Ao trabalharmos com esporte devemos inserir questões culturais. Respeitar essas coisas cria motivações internas nessas crianças. Toda criança gosta de futebol. Por que não trabalhar o futebol? Mas por que não trabalhar também o atletismo, o tênis de mesa, o judô? Eles têm características muito diferenciadas, porque no futebol existe o espírito de equipe. No esporte individual há outros aspectos a serem abordados. Quando trabalhamos com um grupo que anseia por jogar futebol, mas temos que melhorar sua auto-estima, muitas vezes torna-se difícil trabalhar com os que não sabem jogar futebol, e ainda está no time um outro colega que é craque. Então optar por diversas alterações às regras das modalidades seria um grande caminho a seguir. O futebol praticado, ou seja, a pelada, pode ser diferenciada para uma criança poder dar apenas dois toques em uma bola ou meramente a bola ter que passar por todos os companheiros. Isso é importante dentro do trabalho.

Quando estamos falando do esporte, da prática de atividade física dentro de uma comunidade, isso nos remete à saúde. Existe um elo muito grande entre o esporte e a saúde e também entre o esporte e a pedagogia social, a formação que está embutida na atividade física. Respeitar os limites, julgar-se e observar o companheirismo, tudo é socialização, tudo deve ser observado.

Não se pode deixar para trás também as questões políticas, pois muitas vezes o nosso trabalho é facilitado pelas questões políticas ou esbarra nelas. É importantíssimo o governo estar resgatando o esporte nas escolas. Hoje existe uma olimpíada escolar em Brasília não com o objetivo de revelar grandes talentos, mas, sim, de integrar. Não que grandes talentos não possam surgir nem devam ser observados. Isso realmente é muito importante para o esporte nacional, mas o objetivo em si deve ser resgatar as questões educacionais, a possibilidade de participação, de integração, a inclusão.

Só assim o esporte pode ser um agente facilitador nesse universo imenso que é a inclusão social.

A partir do questionamento sobre uma psicologia em grupo, dentro da psicologia do esporte, considera-se uma pirâmide escalonada para se trabalhar, em pólos extremos estariam a socialização e o indivíduo. Atendendo à demanda de cada comunidade ou até mesmo região e cultura, tem-se que direcionar o trabalho a algum tipo de objetivo. Então é muito

difícil colocar limites, porque o querer é individual e a partir do querer e até mesmo das características de determinados grupos, tem-se que direcionar esse trabalho. Por exemplo, com relação ao material, às vezes não se vai exigir nenhum tipo de material específico, mas, sim, uma leitura adequada da individualidade e da comunidade a ser trabalhada. A especialização do profissional que trabalha com o esporte inclusivo é necessária. Se na psicologia do esporte for colocado o trabalho em grupo como um foco, muitas vezes não se consegue atingir o indivíduo em sua performance, embora se consiga atingir o indivíduo em sua autonomia. De outra forma, pode-se fazer um trabalho visando a performance, porém, mesmo que ela não seja atingida, outro aspecto o é, a auto-estima. Portanto são questões que devem ser individualizadas e deve-se fazer uma leitura adequada da clientela.

## **Dietmar Samulski**

Professor de Educação Física da UFMG, psicólogo do Comitê Paraolímpico e ex-atleta.

Como psicólogo da delegação brasileira paraolímpica no ano passado, acompanhei 65 atletas portadores de diferentes deficiências físicas e mentais. Hoje é difícil definir o que seja deficiência, porque cada pessoa tem sua deficiência, falamos mais de necessidades especiais. Gostaria de apresentar a vocês algumas notas de avaliação que fiz antes de viajar a fim de traçar um perfil psicológico e social desses atletas.

Primeiro, existe uma diferença entre olimpíada e paraolimpíada, o que já é uma discriminação. Atletas olímpicos e paraolímpicos são iguais. Se somos iguais, na sociedade todo mundo tem que ser igual. O local do jogo será o mesmo, o esforço pela medalha será o mesmo, a bandeira que subirá ao pódio é a mesma, o suor que derramado é o mesmo. Então, por que diferenciá-los? Eu tenho um grande carinho por atletas paraolímpicos, acho que precisamos, futuramente, de ações políticas também, os atletas paraolímpicos deviam ter o mesmo direito, preparação e acompanhamento científico e humano em todos os aspectos.

Segundo, existe uma diferença entre atletas olímpicos e paraolímpicos relacionada com força de vontade, capacidade de superar limites. Estas são pessoas que já têm uma história muito difícil, eles aprenderam, através do esporte de entretenimento, a superar seus próprios limites. Outra diferença está no desejo de ser um vencedor na vida. O importante para o esporte não é só ser um vencedor, mas o esporte como um meio de aprender a ser um vencedor na vida, superar os limites da vida diária.

Quando nós trabalhamos com um grupo de pessoas, seja como fisioterapeuta, médico, psicólogo ou professor de Educação Física, a primeira pergunta que temos que nos fazer sempre é: que motivos, que sonhos, que expectativas as pessoas têm? Estes são os sonhos e metas dos atletas brasileiros paraolímpicos no ano 2000: participar da olimpíada, conquistar medalhas, ser um vencedor, melhorar a performance. Também um portador de deficiência pode melhorar a sua performance, pode superar seus limites.

Os motivos de práticas esportivas não são muito diferentes dos motivos dos atletas olímpicos, nem dos motivos das crianças. Temos que aprender que o motivo do movimen-

to, de brincar, de praticar esporte é um direito humano. Por isso o programa de esporte na escola é muito importante, porque garante a necessidade da criança de se movimentar e, através do esporte, auto-realizar-se e desenvolver a sua personalidade. Ao praticar esporte, o primeiro motivo deveria ser alegria e prazer, o que as crianças praticam e fazem; os atletas sempre têm que ser acompanhados com prazer. Eles têm que gostar de competir, porque se trata de competições. Fazem-se amizades, o que é muito importante. Convivi com os atletas na Vila Olímpica com mais de 100 países, diferentes línguas, diferentes culturas. A melhor conquista das olimpíadas, como evento intracultural, é a amizade entre os diferentes povos.

Esses atletas tiveram um grande apoio familiar. Receberam incentivo para treinar e competir. Foram apoiados em situações de fracasso, porque o esporte de auto-rendimento tem os dois lados: o sucesso e o fracasso. Também tiveram apoio em situações de lesão e apoio nos estudos e na profissão. O desenvolvimento no esporte sempre tem que considerar o desenvolvimento escolar e o profissional. Os pais são compreensivos nos momentos de ausência e também conversam sobre os problemas. Os pais dos atletas paraolímpicos e olímpicos sempre têm uma função importante de apoio social.

Um dos problemas de pessoas com deficiência é a auto-confiança. Várias pesquisas verificam que pessoas com problemas mentais, sociais e psicológicos apresentam valores muito altos de ansiedade e depressão e baixos valores de auto-confiança. Os atletas paraolímpicos em vários testes psicológicos mostraram valores altos de auto-percepção com relação a superação de limites, esforço geral, motivação para treinar, talento e nível técnico. Comparando com pessoas portadoras de deficiência que não praticam esporte, atletas que praticam esporte têm níveis de auto-confiança e de segurança muito superiores; o nível de ansiedade ou depressão muito baixos. O esporte é como um meio também de terapia, reduz níveis de ansiedade, stress e aumenta a auto-confiança.

Muitos criticam a cobrança dos pais, dos técnicos, mas, para esses atletas, a cobrança de si mesmo para vencer, a auto-cobrança, é um motivo importante, que foi revelado em entrevistas.

Outra influência importante é o comportamento da torcida, quando o adversário é favorito. As cores da bandeira da Austrália são as mesmas cores da bandeira do Brasil e quando entrávamos em um ginásio ou estádio, tínhamos a impressão de que a competição era no Brasil, além de que a torcida australiana sempre apoiou muito os brasileiros. Então, o apoio da torcida sempre é um fator muito importante. No fim, antes de viajar para Sidnei, dei uma mensagem para cada atleta: “Eu confio plenamente em vocês, em sua técnica, seu potencial, seu talento, no seu esforço, no seu desempenho, e, especialmente em sua força de vontade, em sua capacidade de superar seus próprios limites”. Nas paraolimpíadas, é importante ter também um resultado, e o Brasil ficou no 24º lugar, na frente – porque sempre é importante – da Argentina, de Portugal e outros países aos quais nós nos comparamos. Foi um grande sucesso. Na verdade, os atletas paraolímpicos mostraram muito mais a capacidade de superação, a força de vontade e o amor pela camisa. O sucesso dos atletas paraolímpicos mostrou que os paraatletas que sofreram muito mais na vida diária mostraram um resultado melhor, mostraram amor maior à bandeira brasileira. Realmente mostraram para a sociedade que não são pessoas com deficiências, são pessoas que têm uma grande capacidade de superação.